



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
CAMPUS WILSON MARTINS FILHO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**



LÍDIA LIMA ROCHA

**JOANA TRANSGRESSORA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM PERTO
DO CORAÇÃO SELVAGEM**

SANTA CRUZ DO PIAUÍ – PI

2025

LÍDIA LIMA ROCHA

**JOANA TRANSGRESSORA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM PERTO
DO CORAÇÃO SELVAGEM**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. **Jurema da Silva Araújo**

SANTA CRUZ DO PIAUÍ – PI

2025

LÍDIA LIMA ROCHA

**JOANA TRANSGRESSORA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM PERTO
DO CORAÇÃO SELVAGEM**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em Letras
Português, modalidade EaD, da
Universidade Estadual do Piauí,
como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em
Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. **Jurema da
Silva Araújo**

Aprovada em: **23/01/2025**.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jurema da Silva Araújo

Presidente

Profa. Dra. Cristiane da Silva Fronza

Primeiro Examinador

Profa. Ma. Rhusily Reges da Silva Lira

Segunda Examinadora

“Sou só no mundo, quem me quer não me
conhece, quem me conhece me teme”

(LISPECTOR, Clarice, 1980, p. 146)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que sempre esteve comigo, direcionando os meus passos com a sua presença constante, me dando forças e coragem de lutar pelos meus sonhos e objetivos.

Aos tutores Maria da Conceição de Sousa Lima e Francisco Herbert da Silva, pelo apoio e por estarem durante esses quatro anos, dando suporte e colaborando para a formação.

Aos professores da UESPI, na modalidade EAD, que compartilharam comigo os saberes necessários para a formação de excelência exigida na área de Letras Português.

À minha orientadora, Profa. Dra. Jurema da Silva Araújo, que dedicou parte do seu tempo, para me orientar, por acreditar nesta proposta de estudo para o meu projeto de TCC.

À minha família, pela motivação diária para a conclusão da minha formação profissional, em especial ao meu filho, Nicolas de Lima Leite, à minha mãe, Jucileide Gonçalves de Lima, à minha avó, Maria Luíza Gonçalves de Lima, ao meu tio, Francisco Custódio de Lima, que foram pessoas importantes na história da minha vida, que cultivam o amor, a sabedoria e a harmonia na base de nossas experiências.

Aos meus amigos, grandes incentivadores deste percurso acadêmico.

E por fim, a literatura, a poesia e os poemas, que fazem parte da minha vida muito antes das Letras, fazendo-se essencial, invisível aos olhos, mas sensível ao meu coração que sempre gostei de ler e escrever. É uma dádiva poder viajar em outro universo, sem sair do lugar, apenas com o pensamento, através da leitura de livros literários, que encantam e marcam minha vida.

“Ele estava só. Estava abandonado, feliz,
Perto do selvagem coração da vida”.
(JOYCE, James, 1916)

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a representação da mulher em *Perto do Coração Selvagem* de Clarice Lispector e investigar como Joana se mostra na obra. A escolha da obra *Perto do Coração Selvagem*, da escritora Clarice Lispector, se deve pelo estudo mais aprofundado da representação da mulher frente aos papéis de gênero. Este trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica. Tendo como foco principal analisar a representatividade feminina da protagonista Joana, na obra literária. Considerando assim, que as suas atitudes diante dos padrões colocados à figura feminina daquela época não foram aceitas por ela, é tanto que sempre demonstrou pensamentos, comportamentos e atitudes fora do padrão da sociedade. Além da leitura minuciosa do livro *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, nossas conclusões a respeito da análise e da reflexão foram embasadas e focadas nos pressupostos teóricos de livros de Clarice Lispector, como de sua biografia. O resultado da análise e reflexão confirmam que a protagonista da obra, Joana de *Perto do Coração Selvagem*, não se enquadra na sociedade tradicional, que dita como devem ser os comportamentos e as atitudes da mulher. Na obra em questão, Clarice Lispector faz brotar em Joana uma personalidade em construção, que se aperfeiçoa e modifica lentamente e que não se deixa moldar pelos outros, que não se permitiu desviar, pois o romance constitui a construção de uma representatividade feminina pautada nos valores pessoais e únicos dela, sendo constante o crescimento, o aprimoramento e o amadurecimento, sempre distante dos papéis impostos pelo gênero.

Palavras-chave: *Perto do Coração Selvagem*; representação feminina e literatura brasileira.

ABSTRACT

This work aims to analyze the representation of women in *Perto do Coração Selvagem* by Clarice Lispector and investigate the way Joana shows herself in the work. The choice of the work *Perto do Coração Selvagem* by the writer Clarice Lispector is due to the more in-depth study of the representation of women in relation to gender roles. This work is a bibliographical research. The main focus is to analyze the female representation of the protagonist Joana, in the literary work. Considering that her attitudes towards the standards placed on the female figure at that time were not accepted by her, it is so much so that she always demonstrated thoughts, behaviors and attitudes outside of society's standards. In addition to the thorough reading of the book *Perto do Coração Selvagem* by Clarice Lispector, our conclusions regarding the analysis and reflection were based and focused on the theoretical assumptions of Clarice Lispector's books, as well as her biography. The result of the analysis and reflection confirm that the protagonist of the work Joana de *Perto do Coração Selvagem*, does not fit into traditional society, which dictates how women's behavior and attitudes should be. In the work in question, Clarice Lispector brings forth in Joana a personality under construction, which is slowly perfected and modified and which does not allow itself to be shaped by others, which has not allowed itself to deviate, as the novel constitutes the construction of a female representation based on the values personal and unique to her, with constant growth, improvement and maturation, always far from the roles imposed by gender.

Keywords: Close to the Wild Heart; female representation and Brazilian literature.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 REPRESENTATIVIDADE FEMININA DE JOANA..... | 12 |
| 1.1 Mulher e literatura: de leitora a autora..... | 13 |
| 1.2 Clarice na literatura brasileira..... | 16 |
| 1.3 Gênero como categoria de análise..... | 17 |
| 1.4 Identidade..... | 25 |
| 2 ANÁLISE DA IDENTIDADE DE JOANA..... | 28 |
| 2.1 Caracterização e identidade de Joana em relação à feminilidade, casamento e maternidade..... | 35 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 40 |
| REFERÊNCIAS..... | 42 |

INTRODUÇÃO

Perto do Coração Selvagem é o primeiro romance da escritora brasileira Clarice Lispector, publicado no ano de 1944, quando Clarice escreveu essa bela obra. Ela tinha apenas vinte anos. O livro tem como protagonista e personagem principal Joana. Clarice Lispector narra a história de Joana, em dois momentos: na sua infância e no início de sua vida adulta. Joana, entretanto, expressa, por passagens, de consciência do seu íntimo, adentrando no que sente interiormente, contestando suas experiências e vivências de menina e de mulher adulta. Fundamentados nas inúmeras leituras dessa obra, percebemos que o coração selvagem de Joana nos concede percorrer por distintos modos do seu viver.

O enredo da obra gira em volta dos pensamentos de Joana, tanto como menina, quanto mulher. No livro, os capítulos se alternam entre a Joana criança e a Joana mulher. Os sentimentos de ambas as Joanas são mostrados através do fluxo de consciência, contrapondo suas experiências de criança e de adulta. Contudo, a vida da personagem é conduzida rumo ao coração selvagem, importando-se sempre com o bem-estar próprio, e com o que lhe pudesse satisfazer. Além disso, Joana não segue as normas sociais a ela impostas, pois ela busca compreender a sua posição de mulher na sociedade, se colocando a frente, lutando por seus ideais e tendo uma posição para conquistar tudo que deseja, principalmente sua autenticidade e seu lugar na sociedade.

Reconhecemos que a história de Joana apresenta um caminho de formação de uma personagem em busca do próprio sentido da vida enquanto mulher. Compreendemos que a escrita de Clarice, no que diz respeito à caracterização da personagem e sua relevância em transformar sua obra fictícia em uma verdade ainda esperada por muitas mulheres, é espetacular.

A apreciação da personagem Joana, enquanto mulher capaz de transformar sua realidade fútil em um grande complexo de possibilidades, fornece uma visão sobre a luta constante da mulher, na representação feminina frente aos papéis de gênero impostos pela sociedade. A profundidade temática da obra de Clarice Lispector nos leva a verificar como o modo de sensações e sentimentos, faz com que a experiência de formação interior seja importante.

Lermos o livro e presenciarmos o despertar de Joana para o mundo, foi um desafio revelador de nossas próprias experiências interiores.

Desse modo, prosseguimos da seguinte problematização: Como acontece a representação da mulher frente aos papéis de gênero? Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a representação feminina, por meio da personagem Joana, na obra “Perto do Coração Selvagem” de Clarice Lispector. Logo em seguida, já adentrando aos objetivos específicos, pretendemos analisar a representatividade feminina de Joana frente aos papéis de gênero na obra perto do coração selvagem de Clarice Lispector e investigar como Joana se mostra na obra.

Este trabalho representa uma pesquisa bibliográfica do livro Perto do Coração Selvagem de Clarice Lispector. Apresentamos como figura central da obra, a protagonista do romance, no desenrolar da história de Joana, foram analisados os seus comportamentos e pensamentos em busca da sua representatividade feminina apresentadas na obra. Assim, foram estabelecidas uma análise e uma reflexão sobre os diversos comportamentos que ela teve na vida, na sua infância e na sua juventude, considerando seus comportamentos diante dos padrões impostos à figura feminina e pensamentos a respeito de seus próprios comportamentos.

Quanto à natureza, análises do pensamento de vários autores que versam sobre a temática em questão. Quanto aos objetivos, a pesquisa será bibliográfica. Quanto aos métodos de abordagem, a pesquisa privilegiará o método dedutivo. Quanto aos métodos de procedimentos utilizados, será o qualitativo. As técnicas de pesquisa utilizadas serão a documentação bibliográfica.

A título de citação, o presente trabalho fundamenta-se nos estudos de escritores como: Simone de Beauvoir, Yudit Rosenbaum, Elódia Xavier e Joan Scott. O presente trabalho desenvolve-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentamos e discutimos, a representação da mulher frente aos papéis de gênero, seguindo da investigação de como Joana se mostra na obra.

1 REPRESENTATIVIDADE FEMININA DE JOANA

Segundo Simone Beauvoir (1949): “a mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem”. (BEAUVOIR, 1949, p. 500). Em *Perto do Coração Selvagem*, a protagonista principal Joana, faz uma exigência de igualdade e de direitos, através da sua personalidade, do seu temperamento e da sua representatividade feminina, pois ela é empoderada, e tem a consciência do que representa como mulher para a sociedade, como também aceita com entendimento apropriado que está sozinha, não é solidão e sim, solidude.

A relação da obra literária com o que foi mencionado por Beauvoir (1949), é que demonstra que não há, necessidade de nenhum homem e que não precisa dos sentimentos masculinos para viver, além de não se importar com a maneira como as pessoas a veem, diante das situações vividas e enfrentadas por ela. Portanto, não há nada que prove sua independência financeira, pois não tem nenhuma citação de algum trabalho remunerado desenvolvido por ela. Mesmo assim, se percebe uma independência em todos os aspectos de Joana, tanto mentalmente, como também socialmente.

Na obra “*Perto do Coração Selvagem*”, Joana é uma protagonista que não concorda com palavras amáveis, mas que não são verdadeiras, como também não gosta de sentimentalismos demonstrados pelas pessoas com as quais convive, pois não confia. Este romance foi publicado em 1943, e é uma das primeiras obras dessa talentosa escritora. No entanto, é uma obra marcada por conflitos observados tanto através dos comportamentos nas situações de interação social no seu cotidiano como por meio da sua própria fala.

A protagonista Joana, faz diversos questionamentos as regras limitantes daquela sociedade tradicional, propondo assim, um novo olhar para a mulher que não se adequa aos padrões impostos a ela, dando voz e vez, para que as mulheres tenham seu próprio temperamento, personalidade e representatividade.

1.1 Mulher e literatura: de leitora a autora

Seguindo dos pressupostos de Elódia Xavier (2007), se analisa que Joana, queria muito mais, do que sua independência, ela buscava algo não apenas para si mesma se encontrar, se descobrir e se autoconhecer, mas para que as mulheres que não se enquadrassem nos padrões sociais daquela época, e tivessem coragem, de não temerem ao seguir seu caminho e sua liberdade. Pois segundo Xavier (2007):

O corpo liberado “representa uma tendência social que permite às mulheres viverem plenamente ‘sua vocação humana’, sua sexualidade, enfim, sua transcendência, como queria Simone de Beauvoir” (XAVIER, 2007, p. 196).

E Joana no romance “Perto do Coração Selvagem”, é exatamente uma mulher que apresenta o desejo de liberdade, ela contempla um corpo liberado, e vive plena sua sexualidade feminina, também é uma mulher que não se submete ao sentimento de amor, mesmo estando sozinha. Ela não se preocupa com o que pensam dela e não muda sua forma de ser, devido aos papéis de gênero impostos pela sociedade.

Joana representa a transgressão da mulher e do ser mulher. Clarice Lispector encontra uma forma de desconstruir estereótipos, faz repercutir no indivíduo, uma personagem com um senso muito crítico em relação à imagem da mulher, frente aos papéis de gênero. A obra incentiva a aceitação de perceber o outro como uma pessoa singular e subjetiva.

Assim, a associação entre o corpo liberado, citado por Elódia Xavier e a obra de Clarice Lispector, onde a protagonista Joana que representa uma tendência social que permite viver plenamente, se comprova nas seguintes citações do romance:

Não me acusar. Buscar a base do egoísmo: tudo o que não sou não pode me interessar, há impossibilidade de ser além do que se é — no entanto eu me ultrapasso mesmo sem o delírio, sou mais do que eu quase normalmente —; tenho um corpo e tudo o que eu fizer é continuação de meu começo; se a civilização dos Maias não me interessa é porque nada tenho dentro de mim que se possa unir aos seus baixos-relevos; aceito tudo o que vem de mim porque não tenho conhecimento das causas e é possível que esteja pisando no vital sem saber; é essa a minha maior humildade, adivinhava ela. (LISPECTOR, 1980, p.11)

Nessa passagem da obra, notamos uma mulher humilde, e que sempre enxergou possibilidades de mudança, ultrapassava as impossibilidades, pois para ela, tudo era possível. E buscar formas de conquistar o que desejava, nunca foi egoísmo, pelo contrário, era a maior prova do seu amor-próprio. Seguindo o corpus do romance, a autora segue dizendo:

Estava alegre nesse dia, bonita também. Um pouco de febre também. Por que esse romantismo: um pouco de febre? Mas a verdade é que tenho mesmo: olhos brilhantes, essa força e essa fraqueza, batidas desordenadas do coração. Quando a brisa leve, a brisa de verão, batia no seu corpo, todo ele estremecia de frio e calor. E então ela pensava muito rapidamente, sem poder parar de inventar. É porque estou muito nova ainda e sempre que me tocam ou não me tocam, sinto — refletia. (LISPECTOR, 1980, p.11)

Nesse momento, Clarice descrevia como Joana se sentia em relação àquele dia específico. Mostrando que a alegria faz parte da vida e que é preciso se reinventar, se autoconhecer, perceber suas fragilidades, tocar sua alma e ouvir seus pensamentos. Seguindo o mesmo capítulo, ela continua falando:

Mesmo na liberdade, quando escolhia alegre novas veredas, reconhecia-as depois. Ser livre era seguir-se afinal, e eis de novo o caminho traçado. Ela só veria o que já possuía dentro de si. (LISPECTOR, 1980, p.11)

Nesse trecho em específico, se nota Joana como uma mulher livre, que se reconhece como pensante e atuante, e quando reivindica seus direitos como cidadã. A liberdade feminina é uma construção diária, que passa pelo empoderamento e pelo reconhecimento da potência de uma mulher em relação ao seu corpo, desejos e futuro, e era exatamente dessa maneira, que a narradora da obra, descreve a protagonista do romance, afirmando que Joana era detentora de sua liberdade e tinha poder de escolha, porque fazia parte da sua personalidade ser dona de si mesma.

Para a constatação das citações da obra *Perto do Coração Selvagem*, utilizamos o livro, "Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino" de Elódia Xavier (2007), que apresentam uma discussão tipológica significativa sobre os corpos no campo literário, como também enfatiza a respeito do corpo feminino ao longo da história, trazendo um embasamento teórico que enaltece e comprova o que de fato vamos defender, pois o corpo da mulher foi subjugado

pela sociedade. Com certo teor de inferioridade no campo biológico, onde aumentou com o ego do homem, que fez a mulher achar que ser submissa foi um desígnio de Deus, é por essa razão que necessitamos tirar o que impede a mulher de enxergar o seu caminho, de impor sua voz para alcançar espaços e lugares que antes eram tidos como lugares unicamente masculinos, pois a mulher é livre e tem liberdade para seguir sua vida e trilhar o caminho que deseja, seu corpo e suas regras, são ela que define, pois a mulher está a frente da classe de gênero, ela conquistou esse espaço e pode desfrutar da sua autonomia como figura feminina na sociedade.

1.2 Clarice na literatura brasileira

Perto do coração selvagem é um romance de Clarice Lispector que marcou o cenário literário brasileiro em 1943. A obra é considerada um marco da literatura existencial brasileira e teve um impacto imediato na crítica literária. Lispector é uma das principais representantes da literatura intimista brasileira, que se preocupa em descrever o psicológico das personagens.

Conforme a crítica feminista e grande escritora Judith Rosenbaum (2002):

A identidade feminina luta para apropriar-se de si mesma, longe do espelho masculino. Rompem-se as definições preconcebidas sobre as adequações de gênero, e o que prevalece é a desmontagem de estereótipos e máscaras de ambos os sexos (ROSENBAUM, 2002, p. 35).

E na obra Perto do Coração Selvagem, de Clarice Lispector, a protagonista Joana, faz diversos questionamentos as regras limitantes daquela sociedade tradicional, como "o que é a felicidade?" e "o que acontece depois que se é feliz?" propondo assim, um novo olhar para a mulher que não se adequa aos padrões impostos a ela, dando voz e vez, para que as mulheres tenham seu próprio temperamento, personalidade e representatividade e descubra sobre a verdadeira felicidade.

E, de repente, assim, sem esperar, sentiu uma coisa forte dentro de si mesma, uma coisa engraçada que fazia com que ela tremesse um pouco. Mas não era frio, nem estava triste, era uma coisa grande que vinha do mar, que vinha do gosto de sal na boca, e dela, dela própria. (LISPECTOR, 1980, p.20)

Nessa passagem da obra, se confirma a força que havia dentro de Joana, era uma mulher a frente do seu tempo, e seguindo do que a crítica feminista Rosenbaum afirma sobre identidade feminina, se relaciona perfeitamente com a protagonista do romance, por ser uma mulher que busca uma identidade dentro dela própria.

1.3 Gênero como categoria de análise

Segundo Joan Scott (1998) na sua proposta de gênero no pós-modernismo, o conceito de gênero é utilizado pelas feministas americanas para se referirem à organização social da relação entre os sexos. Fundamentalmente, o conceito destaca o caráter social das distinções de homem e mulher sobre o sexo. Joana é transgressora, e seguindo a ideia da Joan Scott (1998) sobre gênero. Devido ao gênero ser uma construção social, portanto a protagonista na obra, transgredir a partir do momento em que não vai agir conforme o esperado socialmente para uma mulher.

Sendo assim, um momento digno de destaque, na primeira parte da obra, na fase infantil da protagonista do romance, é quando Joana, logo após roubar um livro e ser repreendida por sua tia, reconhece que tudo pode. É o que revela o trecho a seguir:

A mulher olhou-a desamparada:

- Minha filha, você é quase uma mocinha, pouco falta para ser gente... daqui a dias terá que abaixar o vestido.... Eu lhe imploro: prometa que não faz mais isso, prometa, prometa em nome do pai.

Joana olhou-a com curiosidade:

- Mas se eu estou dizendo que posso tudo, que... – Eram inúteis as explicações. – Sim, prometo. Em nome de meu pai (LISPECTOR, 1980, p.52, grifo nosso).

Assim, a atitude de Joana na situação, para com o mundo, é de que ela desafia os padrões impostos pela sociedade de gênero, que jamais deixaria uma mulher ter plenos poderes, independente da circunstância. Mesmo assim, Joana, ainda jovem, já possuía plena consciência do que é poder, da liberdade e da vontade de ter independência que possuía dentro dela, o que a não permitia de seguir o que era determinado pela sociedade e os limites impostos pelo mundo para as mulheres.

Joana representa uma transgressão do que foi determinado por muitos anos quando se refere ao gênero, além disso, ela prova através de suas atitudes, forma de falar, maneira de pensar e de questionar, a determinação e a coragem de não se submeter ao que é colocado pela sociedade sobre como a mulher deve ser.

No entanto, a Protagonista Joana, diferente de sua tia, de Lúdia e da esposa do professor. Apesar de também ter sentimentos, sentir o amor, não se tornou prisioneira do seu sentimento. Até mesmo porque, muitas vezes, estando sozinha, não sentiu a necessidade obrigatória de ter uma companhia, sempre ciente da forma como as pessoas pensavam dela, nunca se preocupou ou mudou por causa disso.

Se constatou que a obra tem um caráter dedicado aos elementos expressivos da língua, mais ligado a características literárias como fluxo de consciência, ela traz, a partir da protagonista e das diversas mulheres descritas no livro, uma proposta de diferentes comportamentos entre as mulheres. Por um lado, estão as mulheres como Joana, que não aceitam se submeter aos limites que são impostos, que almejam a liberdade. Do outro lado, mulheres como sua tia e as demais que não enxergam algo para além de suas realidades, julgando comportamentos de mulheres empoderadas como algo incorreto. Lúdia, em especial, se submete a possibilidade de ter Otávio a partir do nascimento da criança, no entanto, como descrito por Beauvoir (1970, p. 13), “A necessidade biológica — desejo sexual e desejo de posteridade — que coloca o macho sob a dependência da fêmea não libertou socialmente a mulher”.

Joana foi desprezada pela sua tia, abandonada pelo seu marido Otávio, não aceita pela sociedade, adentrando no dilema de ser a mulher que se quer ser, em meio a uma sociedade que pedia todos os passos rumo à autodeterminação feminina. Joana explicita-se em linguagem:

Desejava achar-se mais. Chamava-se agora fortemente e não lhe bastava respirar. A felicidade apagava-a, apagava-a... Já queria sentir-se de novo, mesmo com dor. [...] sua vida era formada de pequenas vidas incompletas, de círculos inteiros, fechados, que se isolavam uns dos outros (LISPECTOR, 1980, p. 106-7).

Scott (1992) argumenta que o conceito de gênero foi criado para se opor a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. “O gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade”. (SCOTT, 1992). Scott (1992) deixa a cargo principalmente da linguagem e do discurso. Para ela, é um universo

simbólico que organiza socialmente aquilo que podemos enxergar nos corpos, nas relações sociais e no desejo de conquistar algo a mais.

A crítica feminista Joan Scott (1998) realizou diversos estudos em pontos de vista teóricos e metodológicos, com foco nos estudos de gênero, principalmente no gênero mulher.

As duas teóricas Simone Beauvoir (1967) e Joan Scott (1992), se correlacionam em suas teorias, pois Beauvoir instiga uma reflexão sobre a participação política das mulheres, apontando a realidade sobre a representação e a dinâmica das atitudes femininas, nas perspectivas do que é imposto para a figura feminina e seguindo desses pressupostos, Scott contribuiu fazendo as conceituações de gênero nas relações sociais, pois para ela o termo "gênero", além de ser um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro.

Joan Scott (1992) e Simone de Beauvoir (1967) são duas teóricas importantíssimas nos estudos sobre a representação da mulher frente aos papéis de gênero, dando visibilidade e provocando as mulheres a lutarem por seus direitos. Beauvoir (1967) cita:

Elas começam a afirmar sua independência ante o homem; não sem dificuldades e angústias porque, educadas por mulheres num gineceu socialmente admitido, seu destino normal seria o casamento que as transformaria em objeto da supremacia masculina. (Beauvoir, 1967, abertura).

Seguindo essa citação, temos o contexto que liga as situações, pois a protagonista da obra, Joana, está totalmente insatisfeita com o casamento com Otávio:

— Isso vem contra mim. Pois eu não pensava em me casar. O mais engraçado é que ainda tenho a certeza de que não casei.... Julgava mais ou menos isso: o casamento é o fim, depois de me casar nada mais poderá me acontecer. Imagine: ter sempre uma pessoa ao lado, não conhecer a solidão. — Meu Deus! — Não estar consigo mesma nunca, nunca. E ser uma mulher casada, quer dizer, uma pessoa com destino traçado. Daí em diante é só esperar pela morte. Eu pensava: nem a liberdade de ser infeliz se conservava porque se arrasta consigo outra pessoa. Há alguém que sempre a observa, que a perscruta, que acompanha todos os seus movimentos. E mesmo o cansaço da vida ter certa beleza quando é suportado sozinha e desesperada — eu

pensava. Mas a dois, comendo diariamente o mesmo pão sem sal, assistindo à própria derrota na derrota do outro.... Isso sem contar com o peso dos hábitos refletidos nos hábitos do outro, o peso do leito comum, da mesa comum, da vida comum, preparando e ameaçando a morte comum. Eu sempre dizia: nunca. (LISPECTOR, 1980, p. 74).

Ao fazer uma reflexão interior relacionada ao casamento e suas consequências para a mulher, Joana reflete internamente sobre a questão social e nota o quanto um casamento modifica a vida, relaciona o casamento ao fim da vida, por acreditar que se perde a liberdade, em que o papel da mulher é cuidar do outro, é submetida aos desejos do homem, já não pode mais viver para si, mas para o outro. Enxerga que os hábitos comuns e o próprio casamento não era algo que estava nos seus planos. Por ser uma mulher à frente do seu tempo, seu comportamento produz uma visão crítica sobre a maneira como a instituição do matrimônio, dotada do poder de disciplinar, molda a figura feminina, ao papel exclusivo de dona do lar e esposa.

Na obra há uma viagem de pensamentos, sensações, tempos e emoções. Uma vida apenas não é o suficiente para a protagonista, ela vive e necessita de algo muito além e deseja alcançar o que é indefinido. Transgressora e existencialista, consegue tornar o romance mais do que uma bela obra literária, mais um despertar para as mulheres pararem de sersubmissas, medrosas, assombradas, reverentes e prestar continência aos homens. Para Joana, a mulher pode ser o que ela quiser ser, desde que não aceite o que é imposto pela sociedade. Joana consegue alcançar o respeito e o seu lugar de mulher. Na seguinte passagem podemos notar que:

Otávio procurava, desde o instante em que a conhecera, não perder nenhum de seus detalhes, dizendo-se:

“Que não se cristalize em mim qualquer sentimento terno; preciso enxergá-la bem”.

Mas, como se adivinhasse seu exame, Joana se voltava para ele no momento preciso, sorridente, fria, pouco passiva. E tolamente ele agia, falava, confuso e apressado em obedecer-lhe. Em vez de obrigá-la a revelar-se e assim destruir-se no seu poder. E apesar daquele ar de quem ignorava as coisas mais comuns, como logo no primeiro encontro ela o precipitara em si mesmo! Jogara-o na intimidade dele próprio, esquecendo friamente as pequenas e cômodas fórmulas que o sustentavam e lhe

facilitavam a comunicação com as pessoas. (LISPECTOR, 1980, p. 46).

De acordo com Joan Scott (1998), o conceito de gênero evita a separação de gêneros e estudos das relações entre homem e mulher, de um lado, e uma nova teoria, e a sexualidade, de outro, como fez, equivocadamente, o movimento gay e lésbico americano, afirmar que a ideia de gênero evita a discussão sobre a sexualidade.

A representação da mulher na literatura e sua representatividade como escritora é um dos eixos nos quais se apoia esse trabalho, embora não seja o único. Assim, se busca contribuição nas interpretações propostas pela crítica feminista, considerando, para tanto, a inserção da mulher no universo literário.

O próprio movimento feminista tem se agarrado à ideia de gênero como construção. Desde Simone de Beauvoir a Joan Scott, que por longos anos, o feminismo tem se esforçado para desconstruir a ideia de gênero como um dado natural, determinado biologicamente, e para tanto empreendeu um esforço teórico no sentido de qualificar o gênero como uma construção social (da qual fazem parte toda a sorte de discursos) caminhando para um determinismo social. Em sentido amplo, gera, portanto, entrar na mesma armadilha do determinismo.

Joan Scott (1995), compreende o gênero como uma categoria de análise que se constitui de duas partes e vários outros fragmentos que, embora ligados entre si, devem ser analisados distintamente. Logo, o que a teórica propõe é encarar o gênero como elemento constitutivo das relações sociais entre os sexos e como forma primeira de pensar as relações de poder.

Conforme Scott (1995), a primeira parte da definição de gênero o considera como elemento constitutivo das relações sociais, composto por quatro elementos imbricados: (1) símbolos culturais que evocam múltiplas representações, com frequências contraditórias, como a dicotomia que secciona homens e mulheres em positivo e negativo, por exemplo; (2) conceitos normativos que põem em evidência interpretações simbólicas com a intenção de limitar suas possibilidades metafóricas, ou seja, a posição que emerge como dominante é tida como a única possível; (3) a construção do gênero por meio do parentesco, da economia e da organização política; (4) a identidade subjetiva, considerada não mais como um dado universal, mas uma entidade de

significação histórica específica. O que importa, segundo Scott (1995), é saber relacionar esses quatro elementos, embora eles não operem simultaneamente.

A segunda proposição de Scott (1995) é pensar o gênero como a forma primária de relações de poder. Para ela, no interior do gênero ou por meio dele, o poder é articulado, uma vez que: “Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social” (1995, p. 88). Nesse ponto, Scott (1995) concebe que a compreensão das relações de gênero implica, necessariamente, a compreensão das relações de poder.

Toda a conceituação de gênero feita por Scott (1995) visa alertar sobre a necessidade de se rejeitar o caráter fixo e imutável das oposições binárias – masculino/feminino, forte/fraco, razão/emoção, etc. –, considerando tanto o sentido do sujeito individual quanto da organização social. Ao apontar a substituição da noção de poder social unificado, centralizado, por “[...] constelações dispersas de relações desiguais discursivamente construídas” (1995, p. 86), podemos aproximar o seu pensamento das indicações de Butler (2015) sobre o poder. Quando Scott (1995) introduz a noção do caráter relacional do gênero, ela aponta para a necessidade de se pensar a história das mulheres relacionada à história dos homens, porque o mundo da mulher e o mundo do homem não se desvinculam. Desse modo, a historiadora rejeita as explicações biológicas para a subordinação feminina, pois o gênero indica uma construção cultural, ou seja, “Gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (1995, p. 75, grifos no original).

Para Scott (1995), é pertinente considerar a historicização das relações de gênero e historicizar o gênero, por ser uma categoria analítica, significa abandonar o caráter fixo das oposições binárias. Segundo a historiadora norte-americana, “[...] esta crítica significa analisar no seu contexto a maneira como opera qualquer oposição binária, revertendo e deslocando a sua construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como real, como óbvia ou como estando na natureza das coisas” (SCOTT, 1995, p. 84).

Deve-se, portanto, procurar o significado histórico das ações humanas, entendendo que o gênero – elemento constitutivo das relações sociais – assume a forma privilegiada de compreender e significar as relações de poder (SCOTT, 1995).

Partindo de tais considerações, é importante ressaltar que a protagonista Joana, em *Perto do Coração Selvagem*, demonstrou no romance, nas suas decisões e em circunstâncias de sua vida, atitudes que a elevam a um patamar de transgressora, determinada e fora do casulo. Ou seja, ela estava sempre a frente do seu século, uma mulher que representava o seu gênero e não se enquadrava no que estava pré-determinado para as mulheres, ela abriu espaço, para que outras mulheres pudessem pensar, querer e ter vontades próprias, sem serem consideradas negligentes e erradas, mas apenas uma mulher a frente das classes de gênero. Clarice Lispector (1980) no romance, relata as alegrias de Joana nas seguintes citações:

Então, Joana compreendia subitamente que na sucessão encontrava-se o máximo de beleza, que o movimento explicava a forma — era tão alto e puro gritar: o movimento explica a forma! — E na sucessão também se encontrava a dor porque o corpo era mais lento que o movimento de continuidade ininterrupta. A imaginação apreendia e possuía o futuro do presente, enquanto o corpo restava no começo do caminho, vivendo em outro ritmo, cego à experiência do espírito.... Através dessas percepções — por meio delas, Joana fazia existir alguma coisa — ela se comunicava a uma alegria suficiente em si mesma. Havia muitas sensações boas. Subir o monte, parar no cimo e, sem olhar, sentir atrás a extensão conquistada, lá longe a fazenda. O vento fazendo esvoaçar as roupas, os cabelos. Os braços livres, o coração fechando e abrindo selvagememente, mas o rosto claro e sereno sob o sol. E sabendo principalmente que a terra embaixo dos pés era tão profunda e tão secreta que não havia a temer a invasão do entendimento dissolvendo seu mistério. Tinha uma qualidade de glória esta sensação. (LISPECTOR, 1980, p. 23).

Seguindo dessa citação e da teoria de Scott sobre gênero, se embasa teoricamente que o romance *Perto do Coração Selvagem* mostra Joana, como uma mulher representativa, que sente alegrias nos momentos mais simples, e que vê na liberdade, beleza. As experiências e as fases de vida que viveu na sua infância e na sua juventude sempre comprovaram que ela era diferente.

Decepcionou seus familiares, por não ser perfeita, por não caber na caixinha e por tomar suas próprias decisões, a partir de seus desejos e pensamentos. Mas ela mesma, na busca incessante por se encontrar, se achava no mar. “Tinha uma qualidade de glória esta sensação”. (LISPECTOR, 1980, p. 23).

E em outro dado momento, Joana comprova que não poderia buscar no outro o contentamento ou até mesmo, o seu objetivo, pois não caberia ao outro fazer ela feliz, porque ela buscava suas próprias respostas, para as perguntas e questionamentos que sempre fez e em determinado momento de sua vida, percebe, que é seu próprio abrigo e porto seguro, percebendo que sua felicidade, estava dentro dela e que só ela poderia proporcionar para si a verdadeira alegria. “Ela se comunicava a uma alegria suficiente em si mesma”. (LISPECTOR, 1980, p. 23).

1.4 Identidade

Conforme afirmado por Stuart Hall (1987), a identidade, na concepção sociológica, preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a nós próprios nessas identidades culturais e, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais que asseguravam a conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados em sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987).

Relacionando o que foi mencionado por Stuart Hall (1987), em suas definições de identidade na concepção sociológica, encontramos uma relação estreita com o romance *Perto do Coração Selvagem* de Clarice Lispector, onde a protagonista, deixa claro, que a sua identidade não é fixa, essencial ou permanente, mesmo ela sendo autêntica, sensibiliza a identidade feminina como performance de um gênero inacabado, indefinido, e em constante mudança e transformação, pois isso acontece conforme os ambientes e as relações que tem com os personagens do romance.

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte, é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (Hall, 1990).

Hall afirma que seria falso dizer que possuímos uma identidade unificada, pois é comprovado que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, uma ilusão. Porque o ser humano tem identidades distintas e muda em diferentes momentos, pois a identidade não é unificada ao redor de um eu coerente. É constatado que dentro de nós há identidades contraditórias, caminhando para diferentes direcionamentos, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas e moldadas pelas circunstâncias.

No romance, há uma forte relação entre o narrador da obra e a personagem principal Joana, que revela uma intimidade e uma aproximação das atitudes de Joana visando encontrar sua identidade que, então, consiste na busca de entender as confusões internas existentes no seu próprio ser. De fato, é notória a introspecção desejando a existência em um caminho que traça na sua infância, adolescência e vida adulta, procurando sua identidade.

A protagonista do romance não se adequa na sociedade convencional, que impõe como a figura masculina e a figura feminina devem se comportar. A autora Clarice Lispector faz nascer em Joana uma personalidade em construção, comprovando que a identidade é constante e inacabada, que se constitui momentaneamente e que se permite moldar, pois o romance constrói uma mulher, rumo a transgressão e a construção de uma identidade baseada nos valores pessoais e únicos dela, sempre em um processo constante de aprimoramento e identificação do eu, que brota em si mesma e vai muito além do que é esperado pela sociedade. Na seguinte passagem, quando Joana diz:

— Analisar instante por instante, perceber o núcleo de cada coisa feita de tempo ou de espaço. Possuir cada momento, ligar a consciência a eles, como pequenos filamentos quase imperceptíveis, mas fortes. É a vida? Mesmo assim ela me escaparia. Outro modo de captá-la seria viver. Mas o sonho é mais completo que a realidade, esta me afoga na inconsciência. O que importa afinal: viver ou saber que se está vivendo? — Palavras muito puras, gotas de cristal. Sinto a forma brilhante e úmida debatendo-se dentro de mim. Mas onde está o que quero dizer, onde está o que devo dizer? Inspirai-me, eu tenho quase tudo; eu tenho o contorno à espera da essência; é isso? — O que deve fazer alguém que não sabe o que fazer de si? Utilizar-se como corpo e alma em proveito do corpo e da alma? Ou transformar sua força com força alheia? Ou esperar que de si mesma nasça, como uma consequência, a solução? Nada

posso dizer ainda dentro da forma. Tudo o que possuo está muito fundo dentro de mim. Um dia, depois de falar enfim, ainda terei do que viver? Ou tudo o que eu falasse estaria aquém e além da vida? — Tudo o que é forma de vida procuro afastar. Tento isolar-me para encontrar a vida em si mesma. No entanto apoiei-me demais no jogo que distrai e consola e quando dele me afasto, encontro-me bruscamente sem amparo. No momento em que fecho a porta atrás de mim, instantaneamente me desprendo das coisas. Tudo o que foi distancia-se de mim, mergulhando surdamente nas minhas águas longínquas. Ouçoa, a queda. Alegre e plana espero por mim mesma, espero que lentamente me eleve e surja verdadeira diante de meus olhos. Em vez de me obter com a fuga, vejo-me desamparada, solitária, jogada num cubículo sem dimensões, onde a luz e a sombra são fantasmas quietos. No meu interior encontro o silêncio procurado. Mas dele fico tão perdida de qualquer lembrança de algum ser humano e de mim mesma, que transformo essa impressão em certeza de solidão física... (LISPECTOR, 1980, p. 35-36).

Contudo, através do que foi dito por Joana, em uma viagem à procura de uma verdade, de uma explicação plausível e até mesmo de uma identidade que pudesse preencher o vazio de uma existência plena, ela tinha um conhecimento de mundo e do seu eu, em um contexto que ultrapassa o âmbito interior, garantindo à personagem a possibilidade de uma viagem física, como também, a importância da viagem em seus próprios pensamentos, por isso ao ficar só, Joana investe suas expectativas numa nova forma de viajar, se abrindo para novas possibilidades e descobertas, que muitas vezes trazia respostas, para seus questionamentos e a tornava uma figura feminina de prestígio e sagaz.

2 ANÁLISE DA IDENTIDADE DE JOANA

Sob o viés do objeto de análise, Joana se diferencia das outras mulheres da história por não se tornar subalterna ao seu amor, mesmo estando sozinha. Ela não sente a necessidade de companhia e não se preocupa com o que as pessoas pensam dela, é detentora de uma identidade feminina que aborda sua personalidade, pensamento e decisões como uma mulher transgressora, que está sempre a um passo a mais da sua época. Joana representa a transgressão da mulher, do ser mulher. Dessa maneira, Lispector vai desconstruindo estereótipos, vai repercutindo no indivíduo, via personagem, um senso crítico em relação à imagem do feminino.

Sendo que a cerca de muito tempo a leitura, a escrita, o direito de expressão, a independência, o poder de escolha e a decisão final, foram de exclusividade do homem, compreendendo assim que por bastante tempo a mulher foi silenciada, não tendo oportunidade de representatividade feminina tanto em espaços sociais, externos ao lar, quanto na escrita sobre elas mesmas, como também sob as classes de gênero. No entanto, através de movimentos feministas, a figura feminina foi conquistando espaços e direitos, de forma mais libertadora. E no livro *Perto do Coração Selvagem*, vemos uma protagonista, cheia de vida, com coragem, fazendo escolhas difíceis, tendo atitudes maduras e conscientes, demonstrando ser o que ela deseja, trilhando seu próprio caminho, certa de que o coração selvagem, também pode ser uma qualidade feminina. Comprovamos isso, no seguinte trecho:

Conhecia bem o pensamento que lhe poderia vir, fortalecendo-a, se antes de deixá-lo se comovesse: "Eu tirei tudo o que poderia ter. Não o odeio, não o desprezo. Por que procurá-lo, mesmo que o ame? Não gosto tanto de mim a ponto de gostar das coisas de que eu gosto. Amo mais o que quero do que a mim mesma". Oh, sabia igualmente que a verdade poderia estar no contrário do que pensara. Abandonou a cabeça, comprimiu a testa na camisa branca de Otávio. Aos poucos, muito de leve, foi-se apagando a ideia de morte e já não encontrava de que rir. Seu coração era maciamente moldado. Com o ouvido ela sabia que o outro, indiferente a tudo, prosseguia nas suas batidas regulares, no seu caminho fatal. O mar.

— Adiar, só adiar, pensou Joana antes de deixar de pensar. Porque os últimos cubos de gelo haviam-se derretido e agora ela era tristemente uma mulher feliz. (LISPECTOR, 1980, p. 55)

Quando Joana fala: - “Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome”. (LISPECTOR, 1980, p. 36). Percebemos um posicionamento dela, enquanto dona de si e tendo suas próprias reflexões, acerca do que almeja, possui um olhar sobre si mesma, sobre seu corpo e sobre o mundo. Mesmo consciente de uma sociedade machista e egocêntrica a respeito de comportamentos diferentes do que o imposto pela sociedade da época. Joana não muda seu pensamento, permanece sendo uma mulher à frente de seu tempo, uma personagem que demonstra um grau de empoderamento desde pequena, algo que, por muitas vezes, até assusta as pessoas com as quais convive.

Segundo os estudos de Elódia Xavier (2007), sobre o corpo liberado, podemos correlacionar com a busca de Joana, quando ela afirma que liberdade é pouco, e o que ela deseja ainda não tem nome. Pois o corpo em liberdade, não consegue medir aonde quer chegar, mas deseja alcançar uma liberdade plena da sexualidade feminina, que vai além de padrões e imposições. Conquistar um espaço da escrita nas obras de autoria feminina é um empoderamento incisivo. Tendo em vista que esse contexto sobre o comportamento e formas de pensamento de Joana, protagonista de *Perto do coração selvagem*, livro produzido por Clarice Lispector, sintoniza em diversos aspectos, por ter sido uma obra feita ainda em sua juventude, em meio às turbulências, e sendo uma criança que posteriormente se tornaria uma mulher autêntica e evoluída.

A certeza de que dou para o mal, pensava Joana. O que seria então aquela sensação de força contida, pronta para rebentar em violência, aquela sede de empregá-la de olhos fechados, inteira, com a segurança irrefletida de uma fera? Não era no mal apenas que alguém podia respirar sem medo, aceitando o ar e os pulmões? Nem o prazer me daria tanto prazer quanto o mal, pensava ela surpreendida. Sentia dentro de si um animal perfeito, cheio de inconsequências, de egoísmo e vitalidade. (LISPECTOR, 1980, p. 10)

Nessa passagem, notamos que a autora do romance, narra o pensamento da certeza que Joana tinha sobre a tendência para o mal, sensação de força, possuía muita segurança, mesmo sendo uma mulher feminina adiante de sua época, uma protagonista com um nível de empoderamento elevado desde criança, o que espanta as pessoas ao seu redor, como exemplo, podemos citar

sua tia. Quando Joana era ainda pequena, já possuía o hábito de questionar, questionamentos sobre seu futuro, sobre a sua forma e também sobre o desenvolvimento do seu corpo e depois a respeito da prisão que podem ser os relacionamentos tóxicos, sobre o seu próprio casamento, além de diversos outros questionamentos que são muito comuns na realidade feminina até os dias atuais.

Sendo assim, a figura de Joana apresenta uma distinção do que foi determinado por décadas, quando se trata de gênero, uma vez que a mesma, revela através de suas atitudes, de seus atos, de suas falas, dos seus pensamentos e dos seus questionamentos relacionados a determinação de submissão e fragilidade atreladas à figura feminina. E sobre o seu corpo, apesar dela não o conhecer completamente, já possuía um grande interesse a seu respeito, sentindo ainda assim uma forte conexão consigo mesma.

O movimento associativo representado pela identidade de Joana em permanente processo de construção e reconstrução. Corrobora com a ideia de Hall (2006, p. 13):

“Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas”. (HALL, 2006, p. 13)

Essa questão está presente como eixo central do trabalho de Stuart Hall (2006) para o qual as nossas identidades passam por transformações ajustadas ao processo global de fragmentações em diversas fases da nossa vida social. Desse modo, a herança do século XX mudou estruturalmente muitas das nossas certezas, seja no campo da sexualidade, do gênero, da etnia, da nacionalidade, das classes sociais, entre outros. De modo específico, o corpus aponta para a fragmentação do eu feminino e para o problema crucial da identidade feminina transgressora, distante dos padrões pré-estabelecidos pelo patriarcado.

É fato que a figura da mulher esteve, durante muito tempo, em segundo plano dentro do contexto cultural e político da sociedade ocidental. As imposições do sistema patriarcal, o qual se baseia em questões biológicas e morais para a divisão dos papéis sociais entre os sexos masculino e feminino,

fizeram com que a mulher ficasse durante séculos ocupando um lugar subalterno ao do homem em campos como a política, as ciências em geral, bem como na literatura. Pois o patriarcalismo legitimou a visão de que a vida pública caberia ao sexo masculino, enquanto a condição das mulheres restringia-se ao ambiente doméstico. Assim, construiu-se historicamente um silenciamento das mulheres. Sem acesso à escrita, elas foram, por muito tempo, meros objetos da representação empreendida pelos escritores do chamado cânone literário ocidental, composto, em geral, por homens heterossexuais, brancos, cristãos e membros da elite.

Com isso, a imagem feminina propagada nas obras clássicas não refletia a real identidade feminina, mas sim as visões concebidas nos estereótipos amplamente disseminados pelo olhar masculino. Compreender esses aspectos, sobretudo valorizando a perspectiva feminina na reescrita da história das mulheres, é essencial para entender o desenvolvimento do papel da mulher em nossa sociedade, especificamente em relação à literatura.

Também é importante salientar, que ao longo da construção do cânone literário nacional, o modo como se deu a representatividade da mulher na Literatura Brasileira e a evolução progressiva que esse aspecto vem apresentando com a inserção de mulheres no ambiente acadêmico e no mercado literário nacional. Os dilemas existenciais vividos pela protagonista Joana retratam o despertar feminino para questões cotidianas, ressaltando a subjetividade, a sexualidade e a capacidade reflexiva da mulher. Tal exercício contrapõe-se ao lugar de objeto delegado à figura feminina, de submissão à vontade do homem, existente somente para exercer duas funções: a de manutenção familiar como mãe e esposa recatada, ou para a satisfação dos desejos sexuais masculinos, como amante altamente sexualizada.

Dessa maneira, *Perto do Coração Selvagem* apresenta um lugar para o feminino diverso do comumente retratado literariamente no Brasil até o período de sua publicação: o da mulher como sujeito da sua própria existência, da sua vida sexual e, não menos importante, a partir da escrita feminina. Os estudos feministas, por conseguinte, procuram compreender o desenvolvimento do papel da mulher na sociedade, assim como a evolução da representação feminina no

meio acadêmico e literário. Considerando as obras escritas por mulheres como uma maneira de denunciar a condição feminina, desafiando dogmas e rompendo com a opressão da visão binária masculino contra feminino, tal abordagem busca estabelecer um lugar na história para as mulheres, não somente como meras expectadoras da ação masculina, mas como sujeitos. Essa abordagem, portanto, interpreta a arte e a literatura de autoria feminina como manifestação de resistência e subversão às imposições do discurso hegemônico masculinista.

Os conflitos presentes em *Perto do Coração Selvagem*, contribuíram para que o lugar do feminino se mantenha em debate. A obra viabiliza duplamente o exame do papel da mulher na sociedade: a partir da identidade de uma personagem feminina em busca de si mesma, assim como partindo do local de fala da mulher, tendo na autoria, uma representante do gênero.

Inserimos aqui a contribuição de Butler (2015) ao problematizar a identidade previamente definida da mulher. A filósofa desconstrói o conceito de gênero no qual está alicerçada a teoria feminista: se o feminismo contestou o determinismo biológico, Butler o critica por delegar ao construtivismo a posição de novo determinismo, o determinismo cultural. Por isso, a filósofa argumenta que o gênero deva ser pensado circunstancialmente, ou seja, compreendido dentro das relações de poder. Desse modo, nossa análise considera que o corpus traz como exemplificação um tipo específico de mulher: branca, burguesa e urbana. Exemplo disso são as mulheres que passeiam pelas narrativas analisadas, não apenas a narradora, mas todos os núcleos familiares que trazem como representação essa tríade. O que lemos, portanto, são os dilemas da vida de mulheres de classe média, inseridas em um contexto urbano e que jamais foram submetidas à opressão étnica.

Ao analisar as afirmações da filósofa e escritora Simone de Beauvoir, publicadas em 1949, em *O segundo sexo*. Constatamos ser uma obra que gerou uma forte inquietação nos pensamentos e nas ideias, devido a sua audácia e ousadia em abordar concisamente uma constituição social pautada na iniquidade, em que haveria o “um” paradigmático, relacionado a figura masculino, e o “outro”, secundário ou menor, relacionado a figura feminina.

Além da sua mais famosa frase: – “Ninguém nasce mulher; torna-se mulher”. (BEAUVOIR, 1949) que gerou diversos debates em busca da mais plena compreensão, como também colaborou, de certa forma, incentivando os atuais estudos sobre gênero. Se tornou um dos motivos de maior incômodo, evidenciando avanços ainda muito limitados para as mulheres em assuntos estritamente relacionados aos locais de trabalho, menor remuneração para o desempenho das mesmas funções, dupla jornada devido aos trabalhos domésticos e elevados índices de violência.

Sendo assim, a sensação de inadequação, o receio das críticas e dos estereótipos de inferioridade colaboraram para que as mulheres geralmente não possuam a tranquilidade da sensação de merecimento e de pertencimento, como ressalta Simone de Beauvoir no segundo volume:

“[...] a mulher acomoda-se facilmente com um êxito medíocre; não ousa visar alto. Abordando seu ofício com uma formação superficial, coloca, desde logo, um limite a suas ambições” (BEAUVOIR, 1980, p. 469).

Relacionando a citação de Beauvoir (1980) com a obra “Perto do coração Selvagem”, podemos recitar a seguinte narração:

Quando me surpreendo ao fundo do espelho, assusto-me. Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida. Sinto-me espalhada no ar, pensando dentro das criaturas, vivendo nas coisas além de mim mesma. (LISPECTOR, 1980, p. 35)

Simone de Beauvoir e Clarice Lispector foram escritoras que marcaram o mundo literário e filosófico com suas percepções sobre o feminino. No romance “Perto do Coração Selvagem”, de Clarice Lispector, a personagem Joana representa a transgressão da mulher e a luta pela identidade feminina. A obra incentiva a aceitação da alteridade e do valor alheio, e desconstrói estereótipos e máscaras de ambos os sexos. A relação entre as duas escritoras pode ser comparada à ideia de que, para Beauvoir, as mulheres devem ser escritas como quem existem, com uma vida que integra liberdade, desejo e alteridade

E Beauvoir (1980) segue sua reflexão, valorizando e dando voz e vez a autoria feminina. Ela abordou a condição feminina e o patriarcado de forma estrutural, e suas ideias são importantes para o feminismo até hoje. Beauvoir (1980) também rejeitava modelos, hierarquias e valores, e acreditava que,

como a fêmea humana se assume na sociedade, é elaborada pela civilização. Ela faz a seguinte citação:

[...] ela não tem coragem de desagradar, também como escritora. [...] a mulher ainda se acha espantada e lisonjeada por ser admitida no mundo do pensamento, da arte, que é um mundo masculino: nele mantém-se bem comportada; não ousa perturbar, explorar, explodir; parece-lhe que deve fazer com que perdoem suas pretensões literárias com sua modéstia, seu bom gosto; aposta nos valores seguros do conformismo; introduz na literatura somente essa nota pessoal que se espera dela: lembra que é mulher com alguma graça, alguns requebros e preciosismos bem escolhidos; assim é que sobressairá redigindo best-sellers; mas não se deve contar com ela para se aventurar por caminhos inéditos (BEAUVOIR, 1980, p. 476).

Logo, como é imposto os deveres internos e externos relacionados à autoria feminina intensificam o fazer literário, provocando uma reação de escrever o que se deseja escrever, sem a preocupação em agradar à crítica ou atender à expectativa do público leitor, significa assumir o risco da autoria que surpreende, capaz de provocar aberturas na tradição literária. E foi exatamente o que fez Clarice Lispector, ao escrever o romance literário de Joana, em *Perto do Coração Selvagem*.

2.1 Caracterização e identidade de Joana em relação à feminilidade, casamento e maternidade

O objeto de análise da identidade de Joana, em relação a sua feminilidade, é de resistência para aceitar os padrões estabelecidos. Com o desejo de enxergar novas maneiras de viver, inúmeras possibilidades de escolher, com uma identidade própria ilimitada e em constante transformação. Pois Joana desejava:

"renascer sempre, cortar tudo o que aprendera, o que vira, e inaugurar-se num terreno novo onde todo pequeno ato tivesse significado, onde o ar fosse respirado como da primeira vez" (Lispector, 1980, p. 41).

Retomando o início do corpus, compreendemos que ela sempre soube quem era, mas não queria dizer, porque suas palavras provariam que era parte de suas atitudes, a sua personalidade forte e o seu jeito, sempre decidido. Como a mesma citou:

"É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo, tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar, não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo" (Lispector, 1980, p. 11).

Ao analisarmos as demais personagens femininas da obra, afirmamos que Joana tinha uma identidade única, independente e não se prendia aos sentimentos amorosos, por ser racional, diferente das outras mulheres do romance, exatamente por terem mais características femininas e românticas, já Joana era autêntica e fiel a si própria. De acordo com Clarice (1980) Joana, diferente de sua tia, de Lídia, da esposa do professor e da mulher que abrigava o Homem, apesar de amar, não se tornou subalterna de seu sentimento, pois viver como desejava era muito mais valioso do que sentir prazer momentâneo.

Recapitulando o que foi mencionado no contexto da obra, para a protagonista do romance:

Era sempre inútil ter sido feliz ou infeliz. E mesmo ter amado. Nenhuma felicidade ou infelicidade tinha sido tão forte que tivesse transformado os elementos de sua matéria, dando-lhe um caminho único, como deve ser o verdadeiro caminho.

Continuo sempre me inaugurando, abrindo e fechando círculos de vida, jogando-os de lado, murchos, cheios de passado. (Lispector, 1980, p. 51).

Conforme a citação de Lispector (1980), notamos essa autenticidade de Joana, uma mulher livre, liberal, e comparamos isso com os pressupostos de Elódia Xavier (2007) quando cita sobre o corpo liberado, ou seja, um corpo que não se prende a nada e nem a ninguém. Comprovando que, ao contrário de seguir os padrões, as normas e os valores que eram impostos pelo poder social, Joana percorre por um caminho único, seguindo seus próprios valores, trilhando um rumo de vida de forma transgressora, a tornando um exemplo de mulher empoderada.

Refletindo sobre um momento significativo da trajetória de Joana no romance, citamos o seu casamento com Otávio, que foi algo importante para notarmos a mulher segura de si, que era Joana. Embora demonstre um desconhecimento sobre ela, uma vocação para o mal e uma busca pela razão de sua existência, descobre que o seu casamento foi mais um relacionamento banal e desrespeitoso. Pois Otávio, seu marido, tinha uma amante, sua ex-noiva Lídia, a qual engravidou. E Joana agiu com naturalidade, ao saber de tudo, mas além da traição, outros fatores causaram a separação, como os temperamentos distintos, pensamentos sobre a vida e entendimentos de mundo totalmente desalinhados entre os dois.

Outra demonstração de maturidade por parte de Joana foi quando, no encontro com a amante de seu marido, tiveram o *seguinte diálogo*:

— Eu também posso ter um filho, disse alto. A voz soou bela e límpida.

— Sim — murmurara Lídia assombrada.

— Eu também posso. Por que não?

— Não...

— Não? Mas sim.... Eu lhe darei Otávio, não agora, porém quando eu quiser. Eu terei um filho e depois lhe devolverei Otávio.

— Mas isso é monstruoso! — Gritara Lídia.

— Mas por quê? É monstruoso ter duas mulheres? Você bem sabe que não. É bom estar grávida, imagino. Mas basta para alguém esperar um filho ou ainda é pouco?

— A gente se sente bem, dissera Lúcia arrastada, os olhos abertos.

— Bem?

— Também se tem medo do parto às vezes, respondia a outra mecanicamente.

— Não se assuste, qualquer animal tem filhos. Você terá um parto fácil e também eu. Nós duas temos a bacia larga.

— Sim...

— Eu também quero as coisas da vida. Por que não? Pensa que sou estéril? Nem um pouco. Não tive filhos porque não quis. (Lispector, 1980, p. 77-78).

Depois desse diálogo, entre Joana e Lúcia, as duas mulheres que fizeram parte da vida de Otávio, conseguimos testificar que mais uma vez a busca de Joana, pela sua identidade, em um casamento, não foi útil e muito menos satisfatório, foi apenas mais um capítulo importante de sua vida, para adquirir mais maturidade e independência. Mas para isso, foi preciso ser traída e decepcionada por uma figura masculina, para finalmente compreender que a sua busca seria se encontrar como mulher, e só conseguiria isso, sozinha.

Os dias foram correndo e ela desejava achar-se mais. Chamava-se agora fortemente e não lhe bastava respirar. A felicidade apagava-a, apagava-a... Já queria sentir-se de novo, mesmo com dor. Mas submergia cada vez mais. Amanhã, adia, amanhã vou-me ver. O novo dia, porém, perpassava pela sua superfície, leve como uma tarde de estio, mal franzindo seus nervos. (LISPECTOR, 1980, p. 50).

A liberdade não permite identidades prontas, é uma constante aprimoração no decorrer da infância, da adolescência e da juventude. Conforme os acontecimentos vão surgindo, as mudanças vão acontecendo. Pois não há fórmulas prontas, e é exatamente por Joana ser uma personagem com atitudes parecidas com a figura masculina, que a Elódia Xavier (2007) afirma que o corpo liberado não admite as identidades prontas e a “aceitação da ‘inconstância’”, isto é, da fluidez, significa a liberação de esquemas predeterminados, coercitivos e

repressores” (XAVIER, 2007, p. 179). Joana é uma protagonista que apresenta características que a população diz serem exclusivas do sexo masculino, como ter coragem, possuir o dinamismo, agir com racionalidade e buscar meios e formas de adquirir o conhecimento.

Joan Scott (1992) e Simone de Beauvoir (1967) são duas teóricas importantíssimas nos estudos sobre a representação da mulher frente aos papéis de gênero, dando visibilidade e provocando as mulheres a lutarem por seus direitos. Na citação de Beauvoir (1967):

Elas começam a afirmar sua independência ante o homem; não sem dificuldades e angústias porque, educadas por mulheres num gineceu socialmente admitido, seu destino normal seria o casamento que as transformaria em objeto da supremacia masculina. (Beauvoir, 1967).

E relacionado o que Simone Beauvoir afirmou, a autora do romance Clarice Lispector, relata comprovando essa independência de Joana, se evidencia, tanto na famosa cena do banho, em que a menina Joana se transforma em mulher, como também na cena do vômito, em que a menina rejeita a piedade sentimental de da tia-madrasta. Mais a frente, podemos analisar o seguinte trecho:

Ninguém impedia que ela fizesse exatamente o contrário de qualquer das coisas que fosse fazer: ninguém, nada... não era obrigada a seguir o próprio começo...

Doía ou alegrava? No entanto sentia que essa estranha liberdade que fora sua maldição, que nunca ligara nem a si própria, essa liberdade era o que iluminava sua matéria. E sabia que daí vinha sua vida e seus momentos de glória e daí vinha a criação de cada instante futuro. (LISPECTOR, 1980, p. 98).

No decorrer da narração da história, Joana se vê sozinha. Na verdade, ela nunca esteve presente em uma vida que não fosse a dela mesma e nunca notou sua solidão. Pois criou um mundo dentro da sua própria existência. Pois até mesmo, o seu marido, Otávio, a deixou e foi para os braços da sua amante Lídia, assumindo um relacionamento com a ex-noiva e deixando sua esposa Joana. Mas como uma mulher de personalidade forte, em busca de si mesma, notava que nunca esteve pronta, como gostaria e sonhava. E mesmo diante de

diversas decepções tanto na vida pessoal, como nos relacionamentos, não apresentava nenhum estágio de arrependimento pela vida que tinha, ou desgosto devido a sua solidão. Pelo contrário, Joana possuía uma maturidade e uma dinamicidade de criar outros rumos e outras rotas, para trilhar a vida que desejava.

Ela notou que ainda não adormecera, pensou que ainda haveria de estalar em fogo aberto. Que terminaria uma vez a longa gestação da infância e de sua dolorosa imaturidade rebentaria seu próprio ser, enfim, enfim livre! Não, não, nenhum Deus, quero estar só. E um dia virá, sim, um dia virá em mim a capacidade tão vermelha e afirmativa quanto clara e suave, um dia o que eu fizer será cegamente seguramente inconscientemente, pisando em mim, na minha verdade, tão integralmente lançada no que fizer que serei incapaz de falar, sobretudo um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu rompere todos os nós que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia, a um gesto meu minhas vagas se levantarão poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não levemente sentidas, não cheias de vontade de humanidade, não o passado corroendo o futuro! O que eu disser soará fatal e inteiro! não haverá nenhum espaço dentro de mim para eu saber que existe o tempo, os homens, as dimensões, não haverá nenhum espaço dentro de mim para notar sequer que estarei criando instante por instante, não instante por instante: sempre fundido, porque então viverei, só então viverei maior do que na infância, serei brutal e malfeita como uma pedra, serei leve e vaga como o que se sente e não se entende, me ultrapassarei em ondas, ah, Deus, e que tudo venha e caia sobre mim, até a incompreensão de mim mesma em certos momentos brancos porque basta me cumprir e então nada impedirá meu caminho até a morte-sem-medo, de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo. (LISPECTOR, 1980, p. 100).

Joana sempre aparece com seus conflitos emocionais e internos, e a narradora da obra se apegue tão emocional e profundamente ao pensamento dela, que chega a provocar um cruzamento de identidades, que mistura a primeira pessoa com a terceira pessoa do romance. E com a linguagem poética, traz a superação dos seus horizontes de expectativa, dada a valorosa autenticidade que a personagem mostra do início ao fim do livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de importantíssima representante da literatura nacional, Clarice Lispector (1980) se consolidou como uma voz fundamental para a literatura de autoria feminina no país e no mundo. Sua vasta obra de romances, novelas e crônicas nos permite conhecer as profundezas no olhar feminino nas suas questões mais íntimas.

Através de seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, a autora Clarice Lispector (1980) nos apresenta a oportunidade de analisar uma obra que dialoga, entre outras questões, com a sexualidade feminina, no seu desejo de se libertar da opressão masculina que tiraniza a mulher ao longo da história, a traição no casamento e o desejo de ter um filho. Esse confronto com o sistema patriarcal é tema de grandes debates na atualidade e é elemento cotidiano na sociedade na qual nos inserimos, como forma de provar que a figura feminina já conquistou um lugar de destaque no campo literário, mas que não cessaram a luta das mulheres para conquistarem tudo que desejam, pois, o céu é o limite para elas.

O presente trabalho se fundamentou nos estudos das seguintes escritoras: Simone Beauvoir (1949) para tratar sobre a representatividade feminina de Joana, Yudith Rosenbaum (2002) para realizar a definição sobre a identidade feminina, Elódia Xavier (2007) para abordar a relação da mulher com a literatura e relacionar com as definições do corpo liberado e Joan Scott (1998) para realizar a crítica feminina de gênero como categoria de análise, o conceito de gênero e a representatividade da mulher, frente as classes de gênero. Sendo assim, no presente trabalho apresentamos e discutimos, a representação da mulher frente aos papéis de gênero, seguindo da investigação de como Joana se mostra na obra.

Nessa monografia, realizamos uma investigação das relações de gênero e da construção da crítica literária feminista. Na obra de Clarice Lispector em questão, há muito a oferecer para seguir o percurso da crítica feminista, tanto no viés que estuda a representatividade da mulher quanto nas abordagens que definem o corpo liberado, como também a identidade feminina e a mulher a frente dos papéis de gênero impostos pela sociedade.

Então o intuito do trabalho se objetiva por meio da análise do referido romance, contribuir para a valorização da produção literária de autoria feminina, do uso da arte literária para contestar a ordem estabelecida, e da literatura como ferramenta de reflexão sobre temas fundamentais, a exemplo da emancipação feminina, e principalmente, colaborar para que a representação da mulher esteja sempre a frente dos papéis de gênero impostos pela sociedade, dando a mulher vez e voz em tudo, pois a mulher tem se destacado e conquistado seus espaços em todos os lugares e setores, provando seu valor, sua liberdade, sua personalidade, seu desenvolvimento e sua transgressão. E é muito importante frisar que todas as situações no decorrer do romance, garantem clareza para os personagens e também para os leitores, que, por mais que não sigam determinado caminho, enxergam a possibilidade de trilhá-lo, de alguma forma, percebendo suas vontades e sentindo seus desejos.

Portanto, o estudo da produção literária na obra *Perto Do Coração Selvagem* de Clarice Lispector comprova que a crítica relacionada aos padrões institucionalizados da escrita literária e da própria vida. Suas personagens, representativas da situação e os indivíduos envolvidos com a protagonista Joana, são fundamentais para a conquista de uma identidade em construção, uma maturidade surreal e uma personalidade única, da própria protagonista.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. 2. A experiência vivida**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

HALL, S. "**Minimal Selves**", in **Identity: The Real Me**. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.

HALL, S. "**Cultural identity and Diaspora**". In Rutherford, J. (org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

ROSENBAUM, Yudit. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SCOTT, J. W. **Entrevista com Joan Wallach Scott**. Estudos Feministas, v.6, n. 1, p. 114-24, 1998.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, POA, v. 16, n.2, jul. / dez. P.5-22, 1990.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.